



O FAZER CIENTÍFICO E O CONHECIMENTO AFRICANO: PISTAS E ESBOÇOS – UM BREVE DIÁLOGO, MAS NECESSÁRIO

Dagoberto José Fonseca¹

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Araraquara, São Paulo, SP, Brasil.

Resumo: Este artigo tem a pretensão de ser o início de um breve, mas sugestivo e necessário diálogo sobre o fazer-saber científico africano e seus impactos nas sociedades capturadas pelo pensamento e modo de fazer à la europeia. Elas, ainda ensimesmadas, pautadas pelo medo, pela intolerância e pelo exclusivismo científico brancocêntrico, egótico, tanatocêntrico e narcísico patológico. O tráfico humano que atingiu violentamente à população africana legou um mal incalculável ao continente africano, às pessoas mais diretamente, mas também a toda a fauna e a flora, com a destruição a partir de um outro/novo olhar sobre o meio ambiente e os recursos naturais e que também veio a impactar em outras regiões do mundo, especialmente porque a América tornou-se o epicentro da difusão dos valores civilizatórios africanos, enquanto na Ásia, na Oceânia e na Europa, mesmo também sendo continentes atingidos por esse tráfico humano africano se mantem o silenciamento social e a invisibilidade política, com raros arroubos de publicidade científica e acadêmica, mormente na década de 1950 na França e em Portugal. O diálogo e o debate entre as filosofias e as literaturas africanas e europeias dão o tom desse processo e desse caminho cheio de curvas, veredas, alamedas, mas também becos, vielas, arruelas e muros que nos fazem voltar, pois não enxergamos o caminho ou os caminhos a trilhar a fim de irmos mais longe a fim de chegarmos ao cogito e a razão bantu que sustenta a América, a sexta região da África.

Palavras-Chave: África; conhecimento científico; saber-fazer africano; tráfico humano, razão bantu.

SCIENTIFIC DOING AND AFRICAN KNOWLEDGE: CLUES AND SKETCHES – A BRIEF DIALOGUE, BUT NECESSARY

Abstract: This article is claiming to be the beginning of a brief, but suggestive and necessary dialogue about African scientific knowledge and its impacts on societies

¹ Livre Docente em Antropologia Brasileira (UNESP); Pós-Doutor em Educação (UNICAMP); Doutor, Mestre, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela PUC-SP, Professor da área da Antropologia na UNESP-Campus Araraquara; Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara) e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (Campus Franca), ambos da UNESP. E-mail: dagobertojose@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6279-6687>



captured by european thinking and way of doing it. They are still self-absorbed, guided by fear, intolerance and white-centered scientific exclusivism, egotistic, tanatocentric and pathological narcissistic. The human trafficking that violently affected the African population bequeathed an incalculable evil to the African continent, to people more directly, but also to all fauna and flora, with the destruction from another/new look at the environment and natural resources and which also came to impact in other regions of the world, especially because America has become the epicenter of the spread of African civilizing values, while in Asia, Oceania and Europe, even though continents are affected by this African human trafficking, social silencing and political invisibility are maintained, with rare thefts of scientific and academic advertising, especially in the 1950s in France and Portugal. The dialogue and debate between African and European philosophies and literature set the tone for this process and this path full of curves, paths, alleys, but also alleys, alleys, washers and walls that make us return, because we do not see the path or paths to follow in order to go further in order to reach the cogito and the bantu reason that sustains America, the sixth region of Africa.

Key-words: Africa, scientific knowledge, African know-how, human trafficking, bantu reason

HACER CIENCIA Y CONOCIMIENTO AFRICANO: PISTAS Y BOCETOS – UN DIÁLOGO BREVE PERO NECESARIO

Resumen: Este artículo dice ser el comienzo de un breve, pero sugerente y necesario diálogo sobre el conocimiento científico africano y sus impactos en las sociedades capturadas por el pensamiento europeo y la forma de hacerlo. Siguen siendo ensimesmadas, guiadas por el miedo, la intolerancia y el exclusivismo científico centrado en los blancos, el narcisismo egoísta, tanatocéntrico y patológico. La trata de personas que golpeó violentamente a la población africana legó un mal incalculable al continente africano, al pueblo más directamente, pero también a toda la fauna y flora, con la destrucción de otra nueva mirada al medio ambiente y los recursos naturales y que también tuvo un impacto en otras regiones del mundo, especialmente porque Estados Unidos se ha convertido en el epicentro de la difusión de los valores civilizadores africanos, mientras que en Asia, Oceanía y Europa, a pesar de que los continentes también se vieron afectados por esta trata de personas africana, se mantiene el silencio social y la invisibilidad política, con raros robos de publicidad científica y académica, particularmente en la década de 1950 en Francia y Portugal. El diálogo y el debate entre filosofías y literaturas africanas y europeas marcan la pauta de este proceso y este camino lleno de curvas, caminos, callejones, pero también callejones, callejones, arandelas y muros que nos hacen regresar, porque no vemos el camino ni los caminos a seguir para llegar más lejos para llegar al cogito y a la bantúal razón que sostiene a Estados Unidos, la sexta región de África.

Palabras-clave: África, conocimiento científico, conocimientos africanos, trata de personas, razón bantú.

LE TRAVAIL SCIENTIFIQUE ET LES CONNAISSANCES AFRICAINES: INDICES ET ESQUISSES – UN DIALOGUE BREF MAIS NÉCESSAIRE



Résumé : Cet article prétend être le début d'un bref, mais suggestif et nécessaire sur les connaissances scientifiques africaines et ses impacts sur les sociétés capturées par la pensée et la manière de le faire européennes. Ils sont encore ensimesmadas, guidés par la peur, l'intolérance et l'exclusivisme scientifique centré sur le blanc, égoïste, tanatocentrique et pathologique narcísico. La traite des êtres humains qui a violemment affecté la population africaine a légué un mal incalculable au continent africain, aux populations plus directement, mais aussi à toute la faune et la flore, avec la destruction d'un autre /nouveau regard sur l'environnement et les ressources naturelles et qui a également eu un impact dans d'autres régions du monde, en particulier parce que l'Amérique est devenue le la diffusion des valeurs civilisantes africaines, alors qu'en Asie, en Océanie et en Europe, même si les continents sont également touchés par cette traite des êtres humains en Afrique, le silence social et l'invisibilité politique sont maintenus, avec de rares vols de publicité scientifique et académique, notamment dans les années 1950 en France et au Portugal. Le dialogue et le débat entre les philosophies et littératures africaines et européennes ont donné le ton de ce processus et de ce chemin plein de courbes, de chemins, de ruelles, mais aussi de ruelles, ruelles, rondelles et murs qui nous font revenir, parce que nous ne voyons pas le chemin ou les chemins à parcourir pour aller plus loin afin d'atteindre le cogito et la raison bantou qui soutient l'Amérique , la sixième région d'Afrique.

Mots-clés: Afrique, connaissances scientifiques, savoir-faire africain, traite des êtres humains, raison bantou.

O FAZER CIENTÍFICO E O CONHECIMENTO AFRICANOS: PISTAS E ESBOÇOS – UM BREVE DIÁLOGO, MAS NECESSÁRIO

O artigo que ora iniciamos é um esboço provocativo, um ensejo para construirmos pistas seguras, pois estamos trabalhando com diversas fontes que tivemos acesso nestes últimos quarenta anos de vida dentro e fora da academia científica. São percepções de um caminho de inteligibilidade, de sensibilidades, de experiências e de vivências que vamos acumulando ao longo da estrada do conhecimento e do saber-fazer-saber científico. Vamos sistematizando-os em um ou mais caminhos teóricos e algumas clareiras metodológicas. Intuímos, deduzimos e inferimos que o nosso método de andar nessa seara são os nossos ancoradouros (caminhos e clareiras), pontos de parada, de reflexão, de análise, de interpretação e de compreensão da realidade e das realidades. Afinal, ela e elas não são únicas, são plurais e multifacetadas.

O nosso método de construir conhecimento científico é malemolente, dinâmico, flácido, plástico e elástico, como nós andamos, como nós jogamos à capoeira, dançamos o samba, o jongo, a umbigada ao som do tambor, ao som da batida do coração. Nosso



método é baseado na justiça semântica (FONSECA, 2004, p. 119), sendo rigoroso e ao mesmo tempo alegre e vivo, pois tem na palavra falada, na oralidade, mais do que na escrita o seu fundamento.

O SABER-FAZER-SABER CIENTÍFICO AFRICANO

O conhecimento africano deu-se em um processo de continuas experiências, vivências que foram cada vez mais sendo sistematizadas. Com esse conhecimento que foi sendo construído paulatinamente propiciou-se o deslocamento por todas as vastas regiões, climas, relevos e vegetações do continente. As migrações foram se sucedendo ao longo de milhares de anos, onde o *Homo sapiens sapiens* que conhecemos hoje, nós somos os africanos, somente conseguimos chegar até aqui pela capacidade de aprender, apreender e de compreender as diversas informações que estavam disponíveis, especialmente da fauna e da flora. Com os demais animais das florestas, das savanas etc. aprendemos a aprender, aprendemos o saber-fazer-saber.

O que alguns podem chamar de práxis, não é senão o caminho da construção da ciência que o *Homo sapiens sapiens* originário da África elaborou e reelaborou ao longo de milênios, sem que houvesse essa categoria e conceito, mas ele já fazia esse procedimento, pois ali existia um método e uma metodologia, bem como uma teoria formulada a partir das vivências e das experiências.

O que queremos demonstrar com essa reflexão a priori e desde já é que o conhecimento sistematizado nasceu e se originou com os primeiros *Homo sapiens sapiens* no continente africano. E esse processo somente saiu da África nos últimos 150 mil anos de nossa história, portanto é muito recente que esse conhecimento torna-se exógeno à África (FONSECA, 1996). Ele ficou lá sendo aprimorado por milhares de séculos e, em condições de sair do seu ambiente criador somente, mais recentemente. Os estudos de Cheik-Anta Diop (1983), Elikia M'Bokolo (2009) e de tantos outros africanos e africanistas e de estudiosos de diversas áreas do conhecimento, entre os quais os que estiveram e estão no projeto Genoma (WATSON & BARRY, 2005; CAVALLI-SFORZA, 2003), não tem dúvidas em apontar a África como o berço da humanidade, mas também são enfáticos em afirmar que ela é também o berço da civilização, das ciências naturais, das ciências exatas e tecnológicas, das ciências humanas e sociais, inclusive as aplicadas como o direito, a pedagogia, etc.

As civilizações africanas, todas elas, envolvendo seus reinos e impérios, sobados, cidades, vilas e aldeias, especialmente com a constituição das diferentes etnias e nações somente se ergueram a partir deste vasto capital de conhecimento amealhado por milhares de séculos. Elas não se ergueram pela presença estrangeira, alienígena, como disse equivocada e misticamente Erik Von Daniken com *Eram os deuses astronautas?* (DANIKEN, 2018) ou mesmo Hegel (1999) na sua incorreta e desastrosa interpretação à distância. Essa obra hegeliana é obra do espírito do tempo, se escreve e se fala do que se ouviu falar, segundo os relatos de aventureiros, de propagandistas, de missionários, de conquistadores de toda a adjetivação possível. Daí se chegar à conclusão bombástica de que os africanos não faziam parte da história (HEGEL, 1999). Ele como outros filósofos de ontem e de hoje não são parte do gênero humano com essa afirmação, pois todos os *Homo sapiens sapiens* são africanos como já disse antes. Negar a história africana é negar a própria natureza humana. É o não existir enquanto humano de história, com a história, pela história, na história e da história. Somos todos africanos porque somos *Homo sapiens sapiens* esse é o resultado de milhares e milhares de horas de estudos feitos por vários cientistas do Projeto Genoma (WATSON, 2005; CAVALLI-SFORZA, 2003; LEWONTI, 2002) e da Antropo-sócio-biologia (GOLD, 1993; FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2007) estão aí para confirmar em todas as suas dimensões e dissensões científicas que esse resultado é um dado irrefutável.

Os postulados do saber-fazer-saber africano estão baseados, como disse anteriormente na experiência e na vivência, o que também significa que estão pautados na memória, na não negação do passado, enquanto experiência pretérita e com um alto valor social e cognoscível, posto que não fora esquecido, apagado, excluído ou silenciado, pelo contrário, o que fora aprendido tornou-se patrimônio social e cultural que foi difundido, propagado, distribuído como um valor civilizatório para todos os viventes. Daí as trocas, os intercâmbios, as relações sociais que foram se ampliando entre grupos humanos dentro e depois fora do continente africano ao longo de milênios.

Foi com este postulado, ou seja, com essa maneira metódica e teórica, com um conjunto de procedimentos que o africano, nós o *Homo sapiens sapiens*, saímos do continente africano e alcançamos a Ásia, a Europa, a Oceania e a América. Não foi somente a necessidade, a crise climática, as eras glaciais, a redução das florestas e o aumento das savanas e a desertificação que fizeram com que saíssemos do paraíso, foi a nossa capacidade de produzir e sermos produtos de nossos conhecimentos, das nossas

elaborações primárias, das nossas ousadias e curiosidades primevas que nos fizeram vencer o pélago rei. Caso contrário, estaríamos até hoje lá estagnados. Foi o nosso conhecimento, a nossa ciência que nos trouxe até aqui e atravessássemos de continente a continente.

A ciência já estava lá. Ela não nasceu agora, ela é tão antiga como nós, pois só somos o que somos em decorrência de nossa capacidade de aprender, apreender, analisar, interpretar, compreender, ampliar, aprofundar, discernir, intuir, deduzir, comparar e problematizar, não é pela redução, pelo recorte que aprendemos, aprendemos pelo todo, senão fosse o todo não haveria as condições de enxergarmos para além dos morros o horizonte epistêmico.

Neste contexto de sistematização do conhecimento elaborado e reelaborado é que a população africana estruturou em diversas regiões do continente edificações importantes para salvaguardar suas conquistas científicas, bem como de difundi-las àqueles que buscavam obter esses conhecimentos, uma dessas edificações de salvaguarda e de difusão, ao mesmo tempo, foram as universidades, centros epistêmicos e pólos teórico-metodológicos criados antes do século X nas cidades de Tunes (Tunísia), Fez (Marrocos) e Cairo (Egito) e, ainda, antes na cidade de Tombuctu (Mali), além da famosa biblioteca de Alexandria presente no Egito.

O mais importante e nada emblemático é o fato de que todos esses conhecimentos sistematizados que foram produzidos, guardados e difundidos pelos povos, nações, reinos e impérios africanos foram e fundaram as universidades europeias após o século XI, especialmente aquelas que estavam sob o raio de influência direta do islamismo africano do norte da África, particularmente em decorrência da expansão, do controle do mar Mediterrâneo e da hegemonia do universo cultural afro-arábico e islâmico do século VII ao XV em todo o mundo da cultura greco-latina. O que vai impactar na criação das universidades criadas na atual Itália, em particular a Universidade de Bolonha, de 1088, sendo a mais antiga da Europa. O fato é que as universidades europeias da Itália, da França, da Espanha e de Portugal receberam essa influência direta dessa população denominada de moura, isto é negra e africana (LIBERA, 1999; FERRO, 1996; ECO, 1980; FONSECA, 2007).

O que se constata é que o conhecimento científico, epistêmico e acadêmico africano antes do século X não é casual, mas é um processo antigo de elaboração, de refinamento e de sistematização do que foi acumulado no interior do próprio continente

e difundido para os impérios e reinos exógenos à África continental, especialmente aqueles que estavam sob uma área de influencia africana, como os gregos, os romanos, os persas, os assírios, os caldeus, etc. Não atoa Sócrates, Platão e Aristóteles entre outros das ilhas gregas foram discípulos de sábios africanos, como vai estar inscrito na pedra Rosetta e em demais publicações conhecidas hoje. Inclusive o fato de que o Aristóteles que conhecemos hoje foi traduzido pela população islamizada do norte da África e levado à Europa no século XII (LIBERA, 1999; ECO, 1980; FONSECA, 2007).

O que se constata é que o saber africano projetou-se milênios antes da Era Cristã, seja na África Setentrional, especialmente o que se destaca é o Egito dos Faraós, a cultura kemética, mas também as sociedades que estavam nesse processo de intercâmbio e de influência tais como a dos Impérios Núbio, Cuxita, Meroítico, Axumita e Abissínio em diferentes períodos de tempo alcançando e ultrapassando inclusive a atual Era e vindo a influenciar todas as sociedades do entorno. O que naquele momento podia dar o tom de uma globalização cultural regional.

Daí muitos pesquisadores, professores e estudantes não se atentarem para o recorte epistêmico, que é um verdadeiro absurdo, ao fato de trazerem para a Mesopotâmia o berço da humanidade e da cultura civilizatória, justamente para se associar à tentativa de dar o primado científico-filosófico à Grécia, ao universo cultural persa, cretense, assírio e hindu-ariano, destituindo do Egito e da África como um todo esse primado do conhecimento científico, filosófico e do seu refinamento político, inclusive da união da democracia.

A evidência deste processo civilizatório africano e seu valor cultural para todas as sociedades, particularmente para a Europa como um todo, é o fato da existência de mais de uma centena de virgens negras, edificadas em suas imagens e crenças, estarem vinculadas à grande Deusa do Egito Antigo que foi e é Ísis, a deusa da fertilidade, da fecundidade, da abundância, da natureza, da simplicidade e da sabedoria femininas, travestida nas Nossas Senhoras inculturadas teológica, política, filosófica e ideologicamente capturadas pelo cristianismo romano e popular, tais como as que encontramos, por exemplo, na Espanha, na França, na Suíça, na Polônia, na Rússia, etc (FONSECA, 2008; NASCIMENTO, 1996). Isso sem contar o fato de que o Cristo histórico que conhecemos cresceu e se fez em toda a sua primeira infância em contato com a população do norte da África, isto é foi socializado culturalmente e educado psicologicamente sob os fundamentos de uma visão de mundo pautado pelo

conhecimento e respeito aos antigos, as tradições, à oralidade, à entrega solidária ao outro e diverso, bem como tendo contato com a violência dos poderosos de Roma.

Além do fato de que o Príncipe da Igreja Cristã é originário também da África setentrional, o nosso Aurélio Agostinho, popularmente conhecido como Santo Agostinho, bispo de Hipona, nascido no ano de 354, em região fronteira à atual Argélia e Tunísia. Era descendente de berberes por parte de pai e mãe, contudo essa última se convertera ao catolicismo, enquanto o pai permaneceu pagão até o leito de morte, quando se acredita se converteu.

O que se destaca é que o cristianismo de base euro-ocidental em seus cinco primeiros séculos da Era Cristã se assentou sobre o conhecimento africano e se espalhou pela África setentrional e pela Europa meridional, ou seja na região que é banhada pelo mar Mediterrâneo. Esta situação fica mais saliente quando constatamos a presença de três papas africanos nesse curto período de tempo, posteriormente todos os demais papas da Igreja Católica Apostólica Romana serão, na sua imensa maioria, europeus e italianos especificamente até chegarmos ao atual Papa Francisco que vem do continente americano (Argentina), mas também de família de imigrantes italianos, o pai do Piemonte e a mãe de Genova.

O conhecimento africano, as suas técnicas e demais elaborações científicas, esteve presente no interior do continente com os seus povos, suas nações, suas etnias, seus reinos, seus sobados e seus impérios. No entanto, eles foram difundidos para fora do continente por entendimento voluntário e espontâneo de que eram conhecimentos que deveriam ser divididos com outros grupos e povos, mas também chegaram aos outros, sobretudo aos árabes mulçumanos e europeus cristãos, em função de diversos conflitos, com saques, com explorações, com conquistas e com violências que atingiram os povos africanos, especialmente quando se entende que os povos africanos na sua maioria não eram constituídos de etnias guerreiras, mas de lavradores, criadores de animais domésticos, de extrativistas e de estudiosos dos recursos naturais.

Atualmente se torna inquestionável o valor civilizatório africano para toda a humanidade, no entanto há muitas razões para considerarmos porque a dificuldade do mundo euro-ocidental, brancocêntrico judaico-cristão, greco-romano-latino e suas universidades em reconhecerem essa obviedade em todos os sentidos nesse universo que é o científico e tecnológico. No entanto, não vamos entrar nesses pormenores neste momento, posto que já existam referências bibliográficas importantes neste sentido.

A DIFUSÃO E A TRANSFERÊNCIA DO CONHECIMENTO AFRICANO NAS OUTRAS ÁFRICAS

Como fora afirmado antes, os conhecimentos africanos foram difundidos para diversas regiões do planeta Terra, de maneira espontânea, voluntária, sem um caráter de controle dos outros grupos, mas com o cunho de constituição de diálogos e projetos comuns realizados por meio de alianças, de trocas, de reciprocidades. Por meio dessas relações sociais e culturais que foram sendo formados os clãs, as etnias, os sobados, os reinos e os impérios posteriormente (Aziz, 1978). Estas relações que ao serem consolidadas propiciaram as expansões territoriais sobre campos de caça, de extração e de cultivo. Foram essas relações mais do que as que envolveram conflitos e guerras que fizeram com que o continente africano fosse ocupado em todas as suas dimensões.

O que marcou esses processos todos foram as trocas, ou melhor, as transferências de tecnologias e de conhecimentos sistematizados e consolidados culturalmente. Não à toa uma das faces identitárias e societárias das populações africanas é a negação do exclusivismo individualista, isto é, do querer o bem e o bom somente para si. A identidade do africano não é o de ser um ser para o acúmulo, mas o de ser um ser para distribuir, difundir, transferir seus bens e seus valores para o outro e outrens. No entanto, o africano ao não negar a sua identidade social e cultural legou ao mundo e de maneira gratuita um vasto e múltiplo conhecimento. Mas, ele não teve ao longo do caminho a sua reciprocidade garantida por aqueles mesmos que haviam saído de seu ventre no passado distante. Esses apenas voltaram para buscarem retirar mais e mais, como nos informa Walter Rodney (1975).

O africano como nos é apresentado por diversos estudiosos legou ao mundo todo muitos conhecimentos, sentimentos e saberes que estão em suas fontes primárias e originais da ética e da moral que deve residir em todos os seres humanos, isto é, em todos os Homo sapiens, filhos da África, especialmente os da solidariedade, da fraternidade, da igualdade, da liberdade, da amizade, da partilha e da reciprocidade. Esses são valores que os africanos trazem e trouxeram para as ciências, para o conhecimento, para os seus saberes que são e foram transferidos sem culpa e sem conta a pagar, tanto que não se apegaram a eles e nem tão pouco, ainda, hoje não correm para patentear, privatizar, se

apossar, tornar-se proprietário do que é de todos. Essa lógica empobrecedora, exclusivista individualista, reducionista e de recortes epistêmicos não saiu da África e dos africanos.

Os africanos preconizam o retorno às fontes antigas e tradicionais, mas simultaneamente a inovação do novo e do velho conhecimento. Esta informação está em Wakanda² no filme “Pantera Negra” (2018), mas em muitas obras cito aqui, por exemplo “Costumes africanos no Brasil” (QUERINO, 1988), “Atlântico Negro” (GILROY, 2001). Neste sentido, recuperam e atualizam os valores que fundaram e o que deve ser o Homo sapiens - humildade e sapiência. Esses preceitos e valores estão presentes e demarcam uma identidade, uma cosmovisão e uma atitude de responsabilidade ética com o futuro, não o nosso, mas o de todos. Essa leitura e atitude negra e africana de ser e de estar no mundo estão em líderes da estatura de Nelson Mandela, Desmond Tutu, Martin Luther King Jr., Zumbi dos Palmares, por exemplo.

Não temos dúvida de que os escravismos, os tráficos e os sequestros de milhões de africanos e africanas, crianças, jovens e adultos para diferentes partes do mundo foi um mal terrível, um crime de lesa humanidade, uma catástrofe para o continente africano, pois se perdeu muitos cérebros, muitas forças poderosas e vivas. Há ciência e consciência de que não há políticas de reparações possíveis pelo dano causado, mas que precisam ser implementadas a todo o tempo para minimizar os estragos presentes, futuros, bem como o passado.

Até por isso há necessidade de termos essa pauta nas agendas e nas agências do pensamento para não cairmos em apenas uma única história e, ainda, não verdadeira, cheia de vícios e de poucas virtudes, como nos aponta diversos estudiosos africanos, entre os quais cito Chinua Achebe (2012), Chimamanda Adichí (2011), Joseph Ki-Zerbo (2006), entre outros. Ou como disse Steve Biko (1990) é preciso que se escreva a verdade, daí o africano tem que escrever a sua história não a que dizem para ele escrever nas e a partir das universidades europeias, etc.

Mas, se formos olhar esse crime de lesa humanidade somente pelo ângulo dos otimistas, dos inocentes, dos ingênuos, dos sem caráter e/ou demagogos e tivermos a ousadia e a coragem de vermos positividade neste processo hediondo de negação de toda a humanidade de um (escravizado vítima) e de outro (do escravista criminoso), veremos que a difusão de conhecimentos sistematizados e de saberes tradicionais foram

² **WAKANDA** ver mais detalhes in Disponível <[Wakanda – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wakanda)>. Acesso 5/dez./2020.

transferidos e disseminados em todas as partes do planeta pela população africana, mesmo estando ela na condição de escravizada e desumanizada por um sujeito e um sistema igualmente desumanizado, desumanizante e desumanizador, um sistema sem deidades regendo o humano, isto é também parte do grande salto e saldo renascentista, o homem burguês e individualista no centro e no controle de outras tantas vidas, atrás do lucro, do deus vil metal presentes nos mercados da carne negra³ e nos shoppings centers, caverna e templo da pós-modernidade, como nos assevera José Saramago em *A caverna* (2000).

O africano levou conhecimento especialmente para uma Europa dividida, sem deidades e desumanizadora, que matava mulheres na fogueira em nome de Deus assassino, que fomentava guerras e demais conflitos na África para traficar, obter lucro e matar o traficado e, ainda, o mal, a selvageria, a animalidade incontrolada, se dizia era propagado como sendo do africano, como vai nos apontar, na idade média europeia, William Shakespeare em “Othelo, o mouro de Veneza”⁴ ou mesmo na emblemática figura-personagem de Caliban em “A tempestade”⁵, ou ainda, nas obras oitocentistas quando da invasão e partilha da África pelas potências europeias do final do século XIX, como nas “As minas do rei Salomão”⁶, “Coração das trevas”⁷, etc que vão falar de selvageria, de redenção, de salvação, de levar civilização, do fardo do homem branco, etc.

O fato é que o africano mesmo violentado pelo sistema mercantil-capitalista-monopolista e um sujeito violentador-criminoso não só difundiu, mas também implantou e consolidou seus valores civilizatórios onde esteve da Idade Média europeia até aqui em nossa contemporaneidade definida pelo tempo histórico-social e calendário cristão. O africano da região setentrional, mas de outras áreas da África, marcou com sua presença a Europa, especialmente seus traços, sua arquitetura, sua cultura, seus costumes e práticas estão bem delineadas na região que é banhada pelo mar Mediterrâneo.

³ Lançada em 2002, a música *A Carne* é uma das muitas canções da diva Elza Soares que denunciam o racismo. Por si só, o trecho “a carne mais barata do mercado é a carne negra” é autoexplicativo.

⁴ Obra escrita em 1603 por William Shakespeare.

⁵ Obra escrita em 1623 pelo mesmo autor - William Shakespeare.

⁶ Livro escrito por Henry Rider Haggard em 1885. Publicado com as seguintes referências. **HAGGARD**, Henry R. *As minas do Rei Salomão*. Lisboa: Printer Portuguesa, 2011.

⁷ É livro romance escrito por Joseph Conrad. Antes da sua publicação em 1902, apareceu como uma série em três partes em 1899 na *Blackwood's Magazine*. Este foi publicado pela Editora Companhia das Letras com as seguintes referências. **CONRAD**, Joseph. *Coração das trevas*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

Da Itália a Portugal, o africano está inscrito na mentalidade, na subjetividade, no imaginário e no ethos dos povos dos países latinos, como vai estar inscrito nas obras máximas de Francesco Petrarca, “África”⁸ ou em “O nome da Rosa”⁹ de Umberto Eco. Mas, também se constata nos povos dos países anglo-saxões, seja na literatura, na língua, na culinária, na música, na religiosidade, a cultura africana vai sendo introduzida, transformando o ambiente duro, seco e sem vida em um outro. Talvez o mais marcante e latente hoje seja na arte (nas danças de rua) e no esporte. Notadamente no futebol se constata a mudança na arte futebolística que está nos gramados da Inglaterra, da França, da Holanda, da Bélgica e mesmo da Alemanha e da Suíça.

Continuando com este ponto de vista otimista, mesmo diante de tamanha violência e atrocidade, por quatro séculos que se fomentou e se fez o tráfico humano ocorrer a partir do continente africano da costa atlântica e da costa índica para a América, o que se constata é que a América, para alguns o novo continente, o Eldorado mítico dos espanhóis ou a ilha mítica O. Brasil dos celtas, não foi somente um lugar de destino desses africanos escravizados de diferentes etnias, nações, reinos, impérios e sobados, mas o principal epicentro da difusão dos valores civilizatórios africanos fora da África continental.

É a América que conseguiu ao longo do século XX, enquanto foco e epicentro reproduzir e reiterar de maneiras, modos e jeitos diversos às culturas africanas, especialmente nas diferentes artes, na culinária, no vestuário, na religiosidade, nas expressões linguísticas, no jeito de ser e de estar, no esporte, no gingado do quadril ao se caminhar e de dançar do tango ao mambo, do samba ao rock, do blues ao funk. As manifestações culturais africanas estão presentes, pois são e serão constantemente atualizadas.

UMA ÁFRICA APENAS: INDIVISÍVEL E MÚLTIPLA

A presença africana na América também se fez nas várias instituições políticas no jeito de governar e nas leis de governação que negaram e continuam a negar a essa presença, agora de cidadania. O que significa uma desvalorização da democracia e uma

⁸ Publicado em 1397.

⁹ Obra lançada em 1980.

arbitrária e violenta oposição à República e aos anseios que estão nas cartas constitucionais dessas repúblicas.

Daí a importância de entendermos porque em diversos países da América, o Brasil, pode ser um bom exemplo, a nossa Carta Constitucional a cada governo sofre algum atentado e coincidentemente os atentados são para diminuir o acesso ou o ingresso dos mais vulnerabilizados as condições dignas de vida e de participação na sociedade civil e nos espaços de poder e de decisão, entre os quais em sua maioria são os africanos nascidos no Brasil que o sofrem com esses atentados aos seus direitos sociais, civis, políticos e econômicos, ou seja, em alguns direitos fundamentais da pessoa humana. Isto ocorre porque ainda se entende de maneira sub-reptícia que os africanos brasileiros não são totalmente humanos, pois alguns são mais humanos do que outros na República Federativa do Brasil¹⁰.

O fato é que nenhum outro continente conseguiu dialogar em pé de igualdade e em condições favoráveis com o africano como a América, o que traz uma necessidade de apontar que é sim pelo histórico do colonialismo e do escravismo que atingiram essas sociedades, mas é mais do que isso quando sabemos que há tentativas de silenciamento e de invisibilidade da diáspora africana na Ásia, na Oceania e na própria Europa. Busca-se invisibilizar e silenciar a população africana na Europa, especialmente logo após a segunda grande guerra, onde foram diversos batalhões africanos lutar uma guerra que não era deles, mas estiveram em prol da França principalmente nas cidades francesas, mas quando da vitória sobre o nazismo não puderam entrar em Paris como vencedores de uma guerra de brancocêntrica.

A história militar e da resistência francesa, na segunda grande guerra, também precisa ser vista, concebida e conhecida por esse ângulo, destituindo o pacto narcísico das narrativas oficiais, estatais, racistas e xenofóbicas, pois os africanos já dominaram Paris antes que o houvesse a torre Eiffel e expulsaram os alemães nazistas para além do Portal de Brandemburgo (Berlim), como se fez na operação Dragoon em 1944.¹¹

¹⁰ Fazendo alusão à obra de Georges Orwell publicada em 1945. Livro publicado com a seguinte referência bibliográfica. ORWELL, Georges. A revolução dos bichos. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987.

¹¹ A “Operação Dragoon” ocorreu a 15 de agosto de 1944. Mais de 450 mil soldados, dos quais 250 mil provinham das colônias gaulesas de África, lançaram uma ofensiva nas praias do sul de França para libertar o país do jugo das forças de Adolf Hitler. Disponível <[França homenageia soldados africanos da II Guerra Mundial | BANTUMEN](#)>. Acesso 05/novembro/2020.

Deste modo, parece que a relação sempre umbilical é entre África e a sua América – a sexta região da África. A invisibilidade africana na Europa brancocêntrica, ex-ariana, foi interrompida logo após essa segunda grande guerra - que muitos querem que seja mundial, pois o mundo é sempre uma pequena parcela do que entendem ser seu espaço territorial - com o aparecimento vigoroso do movimento de negritude da década de 1930¹², impulsionado e em diálogo com o movimento pan-africanista¹³ que veio dos Estados Unidos e do surgimento do movimento de renascença negra do Harlem¹⁴ da década de 1920-1940, todos muito vinculados à literatura de denúncia, de reivindicação, de resistência, mas principalmente de reposicionamento político, psíquico e cultural da gente negra como diria Du Bois (1999), o que veio a impactar também nas independências dos países africanos sob domínio francês e inglês, bem como em Portugal esses movimentos tiveram seu fortalecimento maior na Casa dos Estudantes do Império (FONSECA, 2009), especialmente em Lisboa, e nas cidades de Coimbra e do Porto, o que veio a provocar por parte dos estudantes das “províncias” lusas de ultramar a criação dos movimentos independentistas em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde principalmente.

Nestes ambientes estudantis na França e em Portugal a literatura acadêmica marxista contribuiu com a formação intelectual e política destes grupos independentistas que compreenderam melhor o sistema capitalista, de exploração, de expropriação e de dominação ideológicas e político-econômicas que alienaram os grupos africanos conquistados ao longo de séculos.

O que se constata é que as teorias, as metodologias e os métodos científicos oriundos da ciência brancocêntrica, positivista, evolucionista, darwinista social, eugenista e funcionalista erigidas nas universidades europeias até a metade do século XX estiveram ligados ao colonialismo, ao racismo e à manutenção do status quo da burguesia classista contra os interesses da maioria da população africana e seus descendentes, por exemplo,

¹² Négritude conceito criado por Aimé Césaire em 1935.

¹³ O Pan-africanismo foi cunhado pela primeira vez por Silvester Willians, um homem negro advogado da cidade de Trinidad, que na ocasião estava em uma conferência de intelectuais negros nos anos de 1900. Cf. Nunes, Santana Tailane. Pan-Africanismo e libertação. A luta anti-colonial de Abdias do Nascimento. Disponível: <[230722-118175-1-PB.pdf](#)>. Acesso 5/novembro/2020.

¹⁴ O Harlem Renaissance (Renascimento do Harlem) foi um forte movimento cultural negro, com dançarinos, poetas, músicos, intelectuais, artistas visuais, compositores, que se estendeu em toda a década de 1920 e tem eco até os dias atuais.

tanto na África como em outras regiões do mundo, especialmente na América, como afirma Aimé Césaire (1955; 2020). Nesse sentido, o que se verifica é que a base científica e filosófica europeia até a metade do século XX se defronta com a base filosófica e com a visão de mundo construída em milênios pelo conhecimento e saber sistematizado africano.

O confronto entre as filosofias e as teses europeias e africanas também se residem no cogito cartesiano, posto que para esse a razão, o logos, o pensamento é que nos faz ser, estar, com e no mundo das coisas, dos objetos e dos seres sociais, como se diz “penso, logo existo”.¹⁵ Essa razão científica e método racional (DESCARTES, 1978; DURKHEIM, 1984) não possibilita uma leitura do todo, mas das partes cindidas, obscurecidas em decorrência de escolhas metodológicas, recortes teóricos e opções ideológicas que mascaram, que minimizam, que reduzem ou que escamoteiam cognições, categorias analíticas e interpretativas, bem como constroem visões de distanciamento e de neutralidade, sem um nítido compromisso ético e moral com as mudanças sociais de maneira mais eficaz (Damásio, 1996).

O cogito bantu da filosofia africana traz outra episteme, uma sabedoria milenar dos antigos e seguindo as tradições de que não se separa o que é inseparável, o que não precisa estar cindido para ser conhecido e sistematizado. Esse cogito considera que o homem e a humanidade como um todo não pode ser dissociado em função da teoria, da metodologia e do próprio método, somos natureza imbricadas, interdependentes no e com o todo.

Uma crítica à razão brancocêntrica que a bantu faz é que quando se dissocia o todo em partes separadas, elas não dialogam como um todo e com o todo novamente a bel prazer, se embaralhou e se confundiu os interlocutores. Não há um ato espontâneo, elas são relações sociais e podem ser conduzidas para outros interesses e objetivos, alheios aos das comunidades e do próprio universo cultural e científico, dependendo de como se operacionalizam as categorias e os conceitos. Como nos informa Maurice Merleau-Ponty (1996) em sua obra é possível partir para uma outra lógica que não à cartesiana e nem mesmo a newtoniana. É importante salientar que a mecânica dos corpos e o cartesianismo trouxeram o pensamento moderno iluminista brancocêntrico ao caos das guerras.

¹⁵ Alusão à clássica frase dita pelo filósofo francês René Descartes. Ele marcou o pensamento de uma época que chega até os nossos dias. A concepção do movimento Iluminista que posicionou a razão humana como única forma de existência possível.

Daí a necessidade de que os filósofos pós segunda grande guerra (1945) se debruçassem para elaborar uma nova epistêmica que no mínimo chegasse a outro cogito. Merleau-Ponty a partir do seu existencialismo e de sua fenomenologia trouxe suas contribuições ao debate crítico a essa razão iluminista e científica brancocêntrica, como por exemplo a pensar a inversão, a reversão do cogito de Descartes quando diz: “existo, logo penso”, ou, ainda, “eu duvido”, “eu penso, eu sou” e “Eu sou para mim”.

O cogito bantu está ancorado na filosofia Ubuntu, que se estrutura na máxima e na lógica “eu sou porque nós somos”. Neste sentido, não há cisão temporal, nem conhecimento estanque, nem saber popular ou erudito, um está vinculado ao outro, uma ligação íntima e intrínseca entre o ontem, o hoje e o amanhã que são humanos, mas também forças da natureza que são referenciadas pelos humanos a partir de nexos socioculturais e místico-religiosos fenomênicos. Como nos afirma de maneira enfática Célestin Monga (2010), o cogito bantu somente existe porque está ligado à praticidade da existência possível, ao cotidiano das pessoas, do nascer ao morrer o logos bantu se estabelece entre outros fatores e variáveis também pela máxima: “como, logo existo”. Essa é uma filosofia da mesa, da comida, da existência da fartura e da ausência de alimentos. Não se cogita a existência pelo pensamento vazio, abstrato e neutro. A existência está relacionada às condições objetivas e a comida é.

Desta forma, o cogito bantu estabelece um novo pensamento crítico e político acerca do papel e da episteme das ciências sociais africanas que é a não eleição de dispositivos de dispersão, ou seja da diáspora. Isto é, não há na realidade concreta e científica um universo afrodiaspórico, posto que a África não está cindida, não está separada, não está dispersa, ela está juntada e rejuntada nos tempos, nos espaços, nos territórios e nos lugares de e do conhecimento do todo. O conhecimento e a África são indivisíveis e plurais simultaneamente.

Em suma, há só uma África em diferentes regiões do planeta, mas se o seu umbigo pode ser Ilê Ifê (Nigéria) ou M’banza-Kongo (Angola), não tenhamos dúvidas que o epicentro irradiador desta mesma África plural, múltipla, indivisível e única simultaneamente é Salvador (Brasil) e Kingston (Jamaica) na sexta região. Portanto a África e a América profundas e autênticas possuem ciências sociais que tem a mesma base nas suas relações sociais e históricas, psíquicas e culturais, políticas e econômicas, daí a necessidade de fazermos uma episteme voltada para a unidade do conhecimento,

não para a sua dispersão. Essa é ou deve ser a perspectiva da CLACSO¹⁶ e da CODESRIA¹⁷ operar o saber-fazer-saber dos povos originários e de suas tradições culturais respeitando a unidade do humano, não suas dissensões ou dispersões, pois se é africano em qualquer lugar político ou território cultural posto que a África não é destituída do que é humano. Ela é e está no mais humilde e no mais sábio dos seres humanos.

A CRISE DAS/NAS CIÊNCIAS

A ciência e o cogito bantu não estão em crise, muito pelo contrário, estão se expandindo e se consolidando, especialmente nos espaços institucionais das sociedades euro-ocidentais e fomentando a crise do pensamento e da lógica antropocêntrica, leia-se razão brancocêntrica oriunda do renascimento e do iluminismo europeus. Até porque a chamada crise das ciências, e das ciências humanas e sociais (HILLER, 1999; MORIN, 1995, 1998; HORGAN, 1998; KUHN, 1991), da virada da década de 1950 para cá é justamente o problema epistêmico gerado pela indústria da morte que foi o holocausto nazista entre tantos outros cometidos tendo como base e fundamento essa razão.

Vale salientar que o holocausto nazista somente foi criado em decorrência de um conjunto de discursos, teorias e ideologias que tinham o status de ciência, entre os brancocêntricos, e que construiu alguns poucos super-homens (NIETZSCHE, 1978), todos brancos e arianos, mas não necessariamente que todos europeus participavam desse universo cultural, porém essas ciências negaram a humanidade para a imensa maioria da população mundial, posto que era concebida como selvagens, bárbaros, inferiores, ou seja, sub-raças. Daí se encontrava segundo essas teorias inclusive os judeus, o que os colocava nessa posição não era a cor da pele alva, mas a sua identidade cultural.

Neste sentido, é importante salientar para o entendimento da crise das ciências, em especial das ciências humanas e sociais, é o fato de que elas se ancoraram nas teses políticas das ciências biológicas erigidas no iluminismo e que sustentaram os arcabouços científicos propostos por G. Mendel, Carl Lineu, T. Malthus, C. Darwin e que posteriormente foram adotados e assimilados também politicamente por estudiosos como A. de Gobineau (1915) e H. Spencer (1939) que buscaram transladar os conhecimentos

¹⁶ Conselho Latino Americano de Ciências Sociais com sede em Buenos Aires (Argentina).

¹⁷ Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África com sede em Dakar (Senegal).



propostos pelas ciências biológicas para as ciências humanas e sociais de maneira a atender as ideologias dominantes, as preocupações e os interesses políticos do período. As suas ideias sistematizadas impactaram as sociedades e os povos de meados para o fim do século XIX e até os dias atuais, mas, sobretudo, deram as bases para o colonialismo com a divisão e partilha do continente africano na Conferência de Berlim; a manutenção, ampliação e aprofundamento do racismo pseudocientífico; as teses eugenistas de controle populacional e que veio a propiciar o que vimos antes o holocausto nazista e suas resultantes ainda em pleno século XXI nos genocídios reconhecidos e os não reconhecidos, mas denunciados às instituições multilaterais, como as cortes internacionais de direitos humanos na Costa Rica e/ou em Haia (Holanda).

Entretanto, a crise das ciências humanas e sociais foi mais agravado quando houve, o que aparentemente não estava disposto nos registros acadêmicos e nos pensamentos científicos brancocêntricos, na virada do século XX, com os desdobramentos da segunda grande guerra, a assunção via diplomática e bélica das independências políticas das nações africanas; a reivindicação de direitos sociais e civis de africanos em diversas partes do mundo contra os racismos e suas práticas; de mulheres nas Américas e na Europa lutando por igualdade e equidade; de jovens de todo o mundo, de crianças, adolescentes clamando por mais liberdade política; e idosos bradando por justiça social e, ainda, mais recentemente a população de orientação e de identidade sexuais não heteronormativa exigindo visibilidade, reconhecimento e implementação de políticas públicas e sociais, bem como a garantia de direitos fundamentais a toda a pessoa humana.

O que se traduz em muitas variáveis, mas praticamente todas as reivindicações e questões levantadas de maneira sistemática ou não até o momento, quase 70 anos (1950 a 2020), estão assentadas em três pilares: direito à identidade, direito à memória e a história, direito e respeito à diversidade, isto é, se reivindica a própria condição de humano que foi negado ou negligenciado ao longo de uma história inteira ou de um período parcial da existência.

Situações graves e criminosas como essas estão associadas em como a ciência brancocêntrica no passado e que, ainda, continua a ferir e a fomentar a negação de muito de nós, *Homo sapiens sapiens*. No caso de africanos e de mulheres esta condição social se vincula a uma história de longa duração de violências sistêmicas por um sistema político-econômico, mas fundamentalmente por uma lógica “racional” e um pensamento



“científico” que separa o humano do humano e o torna inumano, aquele que não se enxerga, muito embora seja um. Este é um problema de uma cultura e uma história social eurocêntrica e brancocêntrica que se ergueu psicológica e patologicamente afetadas por um narcisismo niilista e, como nos disse J. P. Sartre em seu prefácio à obra de F. Fanon (1979), *Os condenados da Terra*, como essa ciência e esse pensamento científico não é humano, ele é substantivamente hipócrita. De forma literal, ele diz: “um humanismo racista, uma vez que o europeu só pode fazer-se homem fabricando escravos e monstros (...) fica evidente que somos os inimigos do gênero humano; a elite exhibe sua verdadeira natureza: uma quadrilha de bandidos” (SARTRE Apud FANON, 1979, p. 17-18).

Neste sentido, a crise das ciências sociais identificadas pela cultura e ciência brancocêntrica de direita, de centro e de esquerda no espectro ideológico político, por exemplo, também é uma crise da branquitude pseudocientífica que possui seus arautos tanto ontem como hoje, por certo eles também estarão amanhã. Constata-se essas dimensões nos discursos e nas práticas dos que não conseguem verificar o racismo estrutural e institucional como parte do racismo cognitivo-simbólico-semântico¹⁸ que está presente nas obras clássicas, nos pensamentos e nas práticas cotidianas de diversos autores considerados parceiros da luta antirracista mundo a fora. Estes sempre saem na defesa dos direitos humanos da população negra e africana, mas desde que o debate e as concepções sejam aquelas que informam e são tuteladas pela perspectiva teórica conceitual pautada pela classe, a deles, ou seja, não conseguem sair do seu liberalismo classista, ainda que disfarçado.

O fenômeno social que é o racismo cognitivo-simbólico-semântico é pouco citado nos estudos recentes e antigos, mas deve ser aprofundado, problematizado e ampliado, pois ele é aquele que não é demonstrado facilmente, mas ele está presente justamente na estruturação do pensamento, na lógica, na alma e na construção sensível do mundo pelos agentes sociais formados na cultura e na sociedade definida pela ciência e pelo saber brancocêntrico. É aquele racismo cotidiano, visceral, formador das consciências que geralmente um ser bem-intencionado o joga em um ambiente público e, logo em seguida, pede desculpas, pois não era o que queria dizer, mas era aquilo que o cérebro captou, posto que fora formado por aquelas informações. Esses são os contrários ao politicamente correto justamente por que eles querem apenas falar a verdade, sempre a sua.

¹⁸ Conceito cunhado por Fonseca, Dagoberto José neste artigo (2020).

Nesse sentido, é um racismo que também se faz presente no interior das comunidades, nas sociedades e nas famílias negras à medida que reproduz uma lógica, um pensamento que não é seu, mas de outro, porém que foi introjetado e levado às gerações futuras por vezes. Esse racismo muitas vezes pode ser manifestado pelos chamados estudiosos, pelos intelectuais, pelos estratos médios da sociedade que não entende o universo cognitivo-simbólico-semântico dos outros que diz defender, como nos provoca Albert Memmi (1989) ao afirmar que o intelectual colonizado é muitas vezes um homem cindido que não consegue falar a língua do seu grupo de origem, porque busca falar uma língua que é a do outro – o colonizador, o seu formador.

Enfim, a crise das ciências sociais como foi afirmado acima é uma crise da branquitude que traz para o debate e os estudos, atualmente também o gênero como categoria interpretativa e analítica de suma importância, especialmente como argumento político e teórico de que há o elo, o nó intrincado da interseccionalidade e consubstancialidade nas questões sociais.

Portanto, há, neste sentido, uma busca de se tirar a centralidade da pauta e da agenda étnico-racial (negra, africana), isto é antes a classe, agora o gênero; amanhã a religião, a origem, a faixa etária, as deficiências, etc. No entanto, sabemos que a construção de uma ciência e lógica bantu e afrocêntrica não traz aos poucos as partes para o todo, somente quando interessa, enquanto recorte epistêmico. As camadas e as partes não são para entender o todo, mas para distrair o todo diante as partes colocadas habilmente aos poucos.

Todavia, não podemos desmerecer ou negligenciar a pauta das mulheres, especialmente das negras que criaram suas próprias referências teóricas, suas metodologias, categorias e métodos a partir do que denominam ser o feminismo negro e o mulherismo negro. O que abre uma fissura também no movimento feminista brancocêntrico que está focado, ainda, nas questões da classe e renda, enquanto as negras além dessa pauta trazem também o fenômeno da solidão, do racismo e da violência contra a juventude negra, seus filhos, netos e irmãos chacinados pelo aparato estatal a quem Weber (2009, p. 33) diz “poder ter o direito ao **monopólio do uso legítimo da força física** dentro de um determinado território”, sempre a fim de atender os interesses que não são neutros e nem abstratos.

À guisa de conclusão, destacamos que a crise das ciências humanas e sociais não é um fato dependendo do ângulo que se está. A crise é conforme como já foi dito deu-se

por uma leitura de que o pacto narcísico da branquitude fora descortinado, se retirou das sombras o branco, o branquíssimo, o branquela, o embranquecido, o esbranquiçado, o claro, o bege, o alvo, desde as obras e provocações de Luís Gama¹⁹ no século XIX, passando pelos estudos de Alberto Guerreiro Ramos (1954), na década de 1950, que afixou a necessária construção de nossa autonomia intelectual, enquanto necessidade de soberania do Estado e da nação. Ele que já trazia não como conceito, mas como ideia o racismo cognitivo-simbólico-semântico da intelectualidade e branquitude brasileiras quando abordava a patologia social do branco brasileiro.

Mas, após Guerreiro Ramos somente no fim do século XX e início deste século é que podemos dizer que o branco, sua brancura, sua identidade étnico-racial (Ware, 2004) e sua branquitude foram retirados do armário, seja com os estudos de Dagoberto José Fonseca (2012), mas sistematicamente por Maria Aparecida Bento (2002) e com Lia Vainer Schucman (2020), essa pesquisadora judia, que também traz o conceito de encardido para abordar uma brancura emblemática. Mas, é no estudo tese de Lourenço Cardoso (2020) que ele é colocado a nu diante à lupa desse cientista que constrói os conceitos de branco drácula e de branco narciso, ambos necro-pato-psicológicos.

A necro-pato-psicologia desta branquitude já fora apontada por Aimé Césaire, quando diz a partir de uma reflexão sobre Hitler e o hitlerismo, na década de 1955, perante a violência da segunda guerra e as conseqüentes lutas por independência presentes no continente africano, afirma:

Sim, valeria a pena estudar, clinicamente, em detalhes, os passos de Hitler e do hitlerismo e revelar ao burguês muito distinto, muito humanista e muito cristão do século XX que ele carrega consigo um Hitler sem saber, que Hitler *vive nele*, que Hitler é seu *demônio*, que se ele o vitupera, é por falta de lógica e, no fundo, o que ele não perdoa em Hitler não é o crime em si, *o crime contra o homem*, não é a *humilhação do homem em si*, é o crime *contra o homem branco*, é a *humilhação do homem branco*, é de haver aplicado à Europa os procedimentos colonialistas que atingiam até então apenas os árabes da Argélia, os *coolies* da Índia e os negros da África (CÉSAIRE, 2020, p. 18).

Porém, é nesse processo de descobrir o véu branco da noite que Dagoberto José Fonseca cria outro novo conceito o de branco opaco (2020)²⁰, enquanto uma faceta da

¹⁹ Gama, Luís apud Fonseca, Dagoberto José. Você conhece aquela? A piada, o riso e o racismo à brasileira. São Paulo: Editora Selo Negro, 2012, pp. 126-128.

²⁰ Conceito cunhado por Fonseca, Dagoberto José neste artigo.

branquitude que se repousa na própria história da ciência brancocêntrica que é a falta de vida, de verniz, de brilho, isto é nós estamos diante de uma ciência em crise que não se renova no seu amago. Logo uma ciência e razão científica decadente, envelhecida, produzida por gente morta e sem o viço da inteligência que move e continuará a mover o Homo sapiens sapiens para o futuro.

Conclui-se que se torna opaca essa branquitude tanatocêntrica²¹ e ciência brancocêntrica que é exclusivista, recortada, esquadrinhada, pálida, posto que opera na exclusão, no maniqueísmo, na oposição, no antagonismo, no contraditório, na eliminação, na superioridade, na força e dialética das partes que se reduzem em um niilismo mórbido, voraz, de soma zero, e que se encontram perdidas em um eterno retorno (NIETZCHE, 1978), justamente porque perdeu a capacidade de se renovar e de inovar-se com a mesma humildade e sapiência que está na ciência, africana e do africano de qualquer África, que carrega consigo o princípio ético Ubuntu, que é poderoso, transformador, revolucionário porque tem em sua natureza social o diálogo, o poder de comunicação e de aprendizagem calcada na horizontalidade de um com o outro de maneira lúdica, livre e emancipatória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHEBE, Chinua. A educação de uma criança sob o protetorado britânico (ensaios). São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 2012.

_____. A flecha de Deus. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 2012.

2011.

_____. O mundo se despedaça. São Paulo. *Editora Ática*, Coleção autores africanos, n. 17,

1983.

ADICHI, Chimamanda N. Hibisco roxo. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 2011.

AZIZ, Philippe. Os impérios negros da Idade Média. Rio de Janeiro: *Otto Pierre Editores*, 1978.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Carone, Iray: Bento, Maria Aparecida da Silva (org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: *Editora Vozes*, 2002.

BIKO, Steve. Escrevo o que eu quero. São Paulo: *Editora Ática*, 1990.

CÉSAIRE, Aimé. Discours sur le colonialism. Paris/Dakar: *Éditions Présence Africaine*, 1955.

_____. Discurso sobre o colonialismo. São Paulo: *Editora Veneta*, 2020.

CARDOSO, Lourenço. O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional – a branquitude acadêmica: volume 2. Curitiba: *Editora Appris*, 2020.

²¹ Conceito cunhado por Fonseca, Dagoberto José neste artigo.

CAVALLI-SFORZA, Luigi L. Genes, povos e línguas. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 2003.

CONRAD, Joseph. Coração das trevas. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 2008.

COOGLER, Ryan. Pantera Negra: *Marvel*, Hollywood, 2018. Duração 2h 15min.

DAMÁSIO, António R. O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 1996.

DANIKEN, Erik Von. Eram os deuses astronautas? São Paulo: *Editora Melhoramentos*, 2018.

DESCARTES, René. Discurso sobre o método. São Paulo: *Hemus livraria editora*, 1978.

DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: História Geral da África. Mokhtar, G. (Org.) A África antiga. Vol. 2, São Paulo/Paris: *Editora Ática/UNESCO*, 1983.

DU BOIS, William E. B. As almas da gente negra. Rio de Janeiro: *Lacerda Editora*, 1999.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: *Companhia Editora Nacional*, 1984.

ECO, Umberto. O nome da Rosa. São Paulo: *Editora Círculo do Livro*, 1980.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: *Editora Civilização Brasileira*, 1979.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. Então você pensa que é humano? Uma breve história da humanidade. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 2007.

FERRO, Marc. História das colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII-XX. Lisboa: *Editorial Estampa*, 1996.

FONSECA, Dagoberto José. Antropologia Brasileira: seus conceitos e a dinâmica sociocultural nacional. *Artigo-tese (Livro Docência)*, Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, 2014, pp. 119.

_____. África – desconstruindo mitos. São Paulo: Secretaria de Educação Municipal de São Paulo/CEERT, 2008.

_____. Os africanos, os afro-brasileiros e as Áfricas antiga e contemporânea no imaginário ocidental: a importância e o impacto da lei 10.639. In: Redes de conhecimento: novos horizontes para cooperação Brasil e África. Nico Bolama (Org.), São Carlos: *Pedro & João Editores*, 2007.

_____. Nas marolas do Atlântico: interpretações de Angola, da África, do Brasil e de Portugal. Relatório Científico (Pós-doutorado), Campinas: Faculdade de Educação, *UNICAMP*, 2009.

GILROY, Paul. O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: *Editora 34*, 2001.

GOBINEAU, Arthur. The inequality of human races. Londres: *William Heinemann*, 1915.

GOULD, Stephen Jay. Dedo mindinho e seus vizinhos: ensaios de história natural. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 1993.

HAGGARD, Henry R. As minas do Rei Salomão. Lisboa: *Printer Portuguesa*, 2011.

HEGEL, G. W. Filosofia da História. Tradução de Hans Harden Maria Rodrigues. Brasília: UnB, 1999.

HELLER, Agnes [et.al.]. A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: *Editora Contraponto*, 1999.

HORGAN, John. O fim da ciência: uma discussão sobre os limites do conhecimento científico. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 1998.

LIBERA, Alain de. Pensar na Idade Média. São Paulo: *Editora 34*, 1999.

LEWONTIN, Richard. A tripla hélice: gene, organismo e ambiente. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 2002.

KI-ZERBO, Joseph. Para quando a África? Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: *Editora Pallas*, 2006.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991, *Coleção Debates*, n. 115.

MATRAN, Robert. A expansão muçulmana: séculos VII-XI. São Paulo: *Editora Pioneira*, 1977.

M'BOKOLO, Elikia. África negra: história e civilizações – Tomo 1 (até o século XVIII). Salvador/São Paulo: Editora UFBA/Casa das Áfricas, 2009.

MEMMI, A. Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador. Rio de Janeiro: *Paz e Terra*, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: *Editora Martins Fontes*, 1996.

MONGA, Célestin. Niilismo e negritude. São Paulo: *Editora Martins Fontes*, 2010.

MORIN, Edgar. Os meus demónios. Mira-Sintra: *Publicações Europa-América*, 1995.
_____. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: *Editora Bertrand Brasil*, 1998.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Introdução às antigas civilizações africanas, in Sankofa: matrizes africanas da Cultura Brasileira, Org. E. L. Nascimento, Rio de Janeiro: *Editora Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich W. Obras incompletas. São Paulo: *Editora Abril Cultural*, Coleção Os Pensadores, 1978.

NUNES, Santana Tailane. Pan-Africanismo e libertação. A luta anti-colonial de Abdias do Nascimento. Disponível: <[230722-118175-1-PB.pdf](#)>. Acesso 5/novembro/2020.

OPERAÇÃO DRAGOON. Disponível<[França homenageia soldados africanos da II Guerra Mundial | BANTUMEN](#)>. Acesso 05/novembro/2020.

ORWELL, Georges. A revolução dos bichos. Rio de Janeiro: *Editora Globo*, 1987.

QUERINO, Manuel. Costumes africanos no Brasil. Recife: *Editora Massangana/Fundação Joaquim Nabuco*, 1988.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do negro na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: *Cadernos de Nosso Tempo*, 1954.

RODNEY, Walter. Como a Europa subdesenvolveu a África. Lisboa: Editora Seara Nova, 1975.
SARAMAGO, José. A caverna. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2000.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: *Editora Veneta*, 2020.

SPENCER, Herbert. Do progresso: sua lei e sua causa. Lisboa: *Editorial Inquérito*, 1939.

WAKANDA ver mais detalhes in Disponível <[Wakanda – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wakanda)>. Acesso 5/dez./2020.

WARE, Vron (org.). Branquidade: identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: *Editora Garamond*, 2004.

WATSON, James D. & BERRY, Andrew. DNA – o segredo da vida. São Paulo: *Editora Companhia das Letras*, 2005.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: *Editora Universidade de Brasília*, 2009, vol. 1.

Recebido 01/02/2021

Aprovado em 30/04/2021